

PEDRO
PIRES

THE GREEN LINE

— 21.04 // 06.06 —

|| THIS IS NOT
|| A WHITE CUBE

PEDRO

Desde 2006 que conheço o trabalho de Pires e desde essa altura algo me interessou: a capacidade do artista criar um simulacro que aponta para uma realidade arqueológica ou de outros tempos distantes. Esta é uma das várias características da sua produção, a qual pretendo analisar no contexto da exposição individual realizada na galeria THIS IS NOT A WHITE CUBE em Lisboa.

A arqueologia, o estudo de civilizações antigas pela via material, tem as suas origens na curiosidade, por vezes obsessiva, de alguns indivíduos pela pesquisa tangível desta cultura perdida. Por exemplo. Giovanni Battista Belzoni (1778-1823) foi um explorador que trabalhou em circos no Reino Unido, portanto na indústria do entretenimento e que, dada a sua formação em engenharia, acaba por ser contratado para transportar o famoso busto de Ramsés II com mais de duas toneladas, perante a dificuldade acrescida de apenas o poder fazer em duas semanas. Esta obra encontra-se ainda hoje no British Museum, tendo Belzoni ficado famoso por este feito e por ter gravado o seu nome atrás de uma das orelhas do referido busto. Ficou também conhecido por não usar explosivos na abertura das sepulturas e por ter descoberto a entrada da pirâmide de Quefren, em 1818, na qual também deixou o seu nome gravado para que não lhe retirassem os créditos de tal descoberta. Transladou igualmente milhares de objetos para o Reino Unido.

Apesar de muitos considerarem Belzoni um ladrão de túmulos, alguns entendem que foi com ele e com outros como Flinders Petrie (1853-1942) e os seus famosos estudos sobre a vida quotidiana egípcia ou mesmo com Lord Elgin (1766-1841) mais conhecido por ter removido uma porção considerável de esculturas do Pártenon de Atenas que hoje se encontram no British Museum com o nome de Parthenon Sculptures, que se iniciou o interesse sistematizado pela descoberta e inventariação de objetos de civilizações perdidas. Tal interesse, para além de antropológico ou científífico ou mesmo comercial, decorre também do fascínio por objetos antigos ou nos quais a passagem do tempo teve um papel importante na revelação da própria obra ao mundo ocidental, afirmando-se os Museus e os colecionadores como os taste makers da altura que incentivaram este gosto.

Os desenhos de Pedro Pires, pela forma e pela técnica aplicada, apresentam-nos imagens de corpos humanos verticais, em grupo ou individualmente, que nos transportam para outros tempos. Para os tempos das primeiras descobertas arqueológicas pelos autores acima citados. As intervenções cromáticas efetuadas pelo artista parecem indiciar a passagem do tempo e o efeito da patina, desvelando esse passado longínquo e misterioso. Quem são estas figuras anónimas que o artista nos apresenta? São figuras dos tempos de hoje? Talvez. São representações

de outros tempos? Talvez. Estas ambiguidades são a chave para perceber o nosso fascínio e interesse por artefactos realizados pelos nossos antepassados e talvez ajudem a descodificar alguns dos grandes mistérios da humanidade. Este é o simulacro que as obras bidimensionais do Pedro Pires exibem.

Por outro lado, o artista apresenta-nos ainda nesta exposição, outro corpo de trabalho, igualmente figurativo, que tem vindo a desenvolver desde de 2006. Bustos e esculturas de humanos, normalmente em pose hirta, como os Kouros, (do grego “Jovem Rapaz”), realizados a partir de elementos de metal usados em gradeamentos de janelas, portões e vedações - domésticos, privados e institucionais. Pires reutiliza ou dá uma nova função a estes pequenos objetos decorativos. A agregação e composição gera bustos e figuras de corpos translúcidos, originando uma certa sensação de leveza no que seria supostamente uma escultura densa, opaca e pesada. Esta apropriação de acessórios industriais assume o seu esplendor duchampiano nos bustos realizados por Pedro Pires com abraçadeiras industriais, sendo que estas não foram pensadas nem produzidas com este fim. De novo, Pires joga com as ideias de tempo, pois Marcel Duchamp (1887-1968) em 1917, já tinha introduzido a ideia do Ready Made no mundo da arte, instaurando a possibilidade de um objeto industrial ser assumido como artístico ou como parte da obra. Portanto, trata-se de obras de arte concebidas com materiais dos dias de hoje, mas com uma referência ao período arcaico da escultura clássica grega, num gesto que define assim, um imenso arco cronológico.

Numa outra série de dez trabalhos inéditos segue-se o mesmo caminho para se apresentar a figura humana devastada pela ação do tempo e com referências diretas ao Kouros. Numa pose hirta e numa escala bastante inferior, inspirada na leitura do livro de Georges Perec (1936-1982) “Species of spaces and Other” de 1974, designadamente nas ideias desenvolvidas sobre o espaço do canto e da esquina, Pedro Pires modela a figura humana sobre uma superfície negra, para criar os ângulos pretendidos, como se existissem paredes ou um local arquitetónico no qual os corpos estariam encostados. Mas não há um espaço em três dimensões. Somente um cosmos misterioso.

No sentido mais geral, as obras mostradas nesta exposição evidenciam elementos pictóricos e plásticos que apontam, como referi acima, para o efeito do tempo e do espaço sobre a percepção. O trabalho de Pedro Pires debruça-se claramente sobre os efeitos que agitam a nossa consciência histórica. Como Didi-Huberman menciona - “Diante da Imagem, estamos sempre diante do tempo.”¹

Lourenço Egreja, Lisboa, Março de 2022

PIRES

I have known Pedro Pires work since 2006 and for some time something has interested me: the artist's ability to create a simulacrum that points towards an archaeological reality or to imagery of distant times. This is one of several characteristics of his production, which I intend to analyse in the context of the solo exhibition held at THIS IS NOT A WHITE CUBE gallery in Lisbon.

Archaeology, the study of ancient civilizations through material means, has its origins in the human curiosity, sometimes obsessive, of some individuals for the research of lost cultures. For example Giovanni Battista Belzoni (1778-1823) was an explorer who worked in circuses in the United Kingdom, in the entertainment industry and who, given his engineering background, was eventually hired to transport the famous bust of Ramses II weighing more than two tons in a couple of days. This work is still in the British Museum today, and Belzoni became famous for this achievement and for having his name engraved behind one of the ears of the bust. He was also known for not using explosives when opening graves and for having discovered the entrance to the pyramid of Quefren, in 1818, in which he also left his name engraved so that he would not be deprived of the credit for such a incredible discovery. He also moved thousands of objects from Egypt to the United Kingdom.

Although many consider Belzoni a tomb thief, some believe that it was with him and others like Flinders Petrie (1853-1942) and his famous studies on Egyptian daily life or even with Lord Elgin (1766-1841) best known for having removed a considerable portion of the sculptures from the Parthenon of Athens, which today can be found in the British Museum under the name of Parthenon Sculptures, that the systematic interest in the discovery and inventory of objects from lost civilizations began. Such interest, anthropological, scientific or even commercial, was the core of the fascination for ancient objects. The passage of time or the patina effect played an important role in revelation of these objects to the western world with Museums and collectors becoming the taste makers of the time.

Pedro Pires' drawings, through their form and also by the technique, present us with images of upright human bodies, in groups or individually, which transport us to other distant times. To the times of the first archaeological discoveries and of the adventurers referred above. The chromatic interventions made by the artist seem to indicate the passage of time and the effect of patina, unveiling that distant and mysterious past. Who are these anonymous figures that the artist presents us with? Are they figures of today's times? Perhaps.

Are they representations of other times? Perhaps. These ambiguities are the key to understand our fascination and interest in artefacts made by our ancestors and help decode some of the great mysteries of humanity. This is the simulacrum that the two-dimensional works of Pedro Pires display.

On the other hand, the artist also presents us in this exhibition another body of work, equally figurative, which he has been developing since 2006. Busts and sculptures of humans forms, usually in a erect pose, like the Kouros, (from the Greek "Young Boy"), made from metal elements used in window railings, gates and fences - domestic, private and institutional. Pires reuses or gives a new function to these small decorative objects. The aggregation and composition generates busts and figures that are translucent bodies, giving rise to a sense of lightness in what would supposedly be dense, opaque and heavy. This appropriation of industrial accessories takes on its Duchampian splendour in the busts made by Pedro Pires with industrial zip ties, which were neither designed nor produced for this purpose. Once again, Pires plays with the ideas of time, as Marcel Duchamp (1887-1968) in 1917 had already introduced the idea of the Ready Made into the art world, with the possibility of an industrial object being taken over as artistic or as part of the work. Therefore, these are works of art conceived with modern-day materials, but with a reference to the archaic period of classical Greek sculpture, in a gesture that thus defines an immense panorama.

In another series of ten new works, the same path is followed by the artist in the sense of presenting us the human figure devastated by the action of time and also with direct references to the Kouros. In a similar pose and on a much smaller scale, inspired by a reading of the book Species of spaces and Other by Georges Perec's (1936-1982) and namely in the ideas developed about the space of the corner and of the corner, Pedro Pires models the human figure on a black surface to create the desired angles, as if there were walls or an architectural place where the bodies would be leaning against. But there is no three-dimensional space. Only a mysterious cosmos.

In general, the works shown in this exhibition highlight pictorial and plastic elements that point, as I mentioned above, to the effect of time and space on perception. Pedro Pires work clearly addresses the effects that agitate our historical consciousness. As Didi-Huberman mentions - "In front of the Image, we are always in front of time.”¹

Lourenço Egreja, Lisbon, March 2022

¹ Didi-Huberman, Georges, Diante do Tempo, Orfeu Negro, 2017

¹ Didi-Huberman, Georges, Diante do Tempo, Orfeu Negro, 2017